
JUVENTUDES, INDIVIDUALISMO E MOVIMENTOS SOCIAIS (1980-1999)

Nathália Jonaine Hermann

Mestra em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

JUVENTUDES, INDIVIDUALISMO E MOVIMENTOS SOCIAIS (1980-1999)**YOUTH, INDIVIDUALISM AND SOCIAL MOVEMENTS (1980-1999)****Nathália Jonaine Hermann****RESUMO**

O presente artigo tem como foco principal analisar representações acerca de uma juventude específica: jovens de classe média que habitam os centros urbanos brasileiros. Tendo como fontes reportagens das revistas de circulação semanal *Veja* e *IstoÉ*, duas das maiores revistas do país, num recorte que abrange as décadas de 1980 e 1990, pretende-se entender como estas revistas se referiam aos jovens e quais características eram dadas aos mesmos. Partindo do pressuposto da importância dos jovens nos movimentos sociais e na luta por direitos coletivos, o trabalho objetiva buscar compreender a ascensão de um paradigma individualista como característica da juventude no recorte citado acima.

PALAVRAS-CHAVE:

Jovens; Movimentos sociais; Imprensa.

ABSTRACT

The main focus of this article is to analyze representations about a specific youth: middle class youths who live in Brazilian urban centers. Having as sources sources of the magazines of weekly circulation *Veja* and *IstoÉ*, two of the majors magazines of the country, in a cut that covers the decades of 1980 and 1990, one intends to understand how these magazines referred to the young people and what characteristics were given to them. Based on the assumption of the importance of young people in social movements and in the fight for collective rights, the work aims to understand the rise of an individualist paradigm as a characteristic of youth in the above mentioned cut.

KEY WORDS:

Youth; Social movements; Press.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um recorte de uma pesquisa oriunda de uma dissertação de mestrado intitulada “Fiéis, ambiciosos e conservadores”: jovens brasileiros nas revistas *Veja* e *IstoÉ* (1980-1999)¹. A partir da análise das revistas semanais *Veja* e *IstoÉ* uma juventude advinda de classes médias dos grandes centros urbanos brasileiros foi estudada no recorte que abrange as décadas de 1980 e 1990. Além de conservadora, essa juventude também é representada como consumista e individualista.

No que tange o conjunto documental utilizado, foram analisados 29 artigos jornalísticos das revistas semanais *Veja* e *IstoÉ*. Na revista *Veja* encontram-se 16 das reportagens, distribuídas da seguinte forma: seis reportagens na década de 1980 e dez reportagens na década de 1990. Já na revista *IstoÉ*, os 13 artigos escolhidos são divididos em cinco artigos na década de 1980 e oito artigos na década de 1990. A escolha do recorte temporal foi pautada no contexto da época, marcada pelo processo de reabertura política e também de manifestações juvenis, como o movimento dos caras-pintadas em 1992.

Utilizar periódicos como fonte de pesquisas historiográficas vem sendo uma prática cada vez mais comum na historiografia, uma vez que facilitam a aproximação do historiador com o recorte estudado pois periódicos podem ser considerados “enciclopédias do cotidiano” (LUCA, 2005, p. 112). Portanto, quando adultos envolvidos no ramo jornalístico formulam artigos com jovens eles procuram se remeter aos ‘anos dourados’ da vidas das pessoas - a juventude - para promover suas ideias acerca da juventude do recorte. Na perspectiva do historiador alemão Reinhart Koselleck (2014) os jovens, por conta de seu espaço de experiência menor do que o de indivíduos adultos, tem um horizonte de expectativa maior e carregam consigo, conseqüentemente um futuro mais amplo. Ou seja, a juventude é sinônimo de um número maior de oportunidades por conta de sua moratória vital.

Pensar as revistas como parte das *mass media* é sinônimo de entendê-las como resultados de representações contextualizadas da realidade que acabam trazendo à tona a perspectiva de um grupo seletivo com se fosse representativo do todo. Segundo a historiadora Maria Helena Capelato, “nos vários tipos de periódicos [...] encontramos projetos políticos e

¹

Disponível

em:

https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/2555/Nath_lia_Jonaine_Hermann_final_15808335605594_2555.pdf

visões de mundo representativos de vários setores da sociedade” (CAPELATO, 1988, p.34). A condição incerta de geração, muito cara para compreender o embate geracional que ocorre nos artigos selecionados como fontes para minha pesquisa, tem como personagens jovens em revistas que são lidas por um público adulto.

Ao escolher a juventude como foco de análise é necessário se levar em conta que a faixa etária é uma categoria móvel e fluida, sem definições consensuais nas áreas que a estudam. Enquanto em categorias voltadas à saúde a faixa etária tem estudos mais voltados para a sexualidade e a definição do que é ser jovem é pautada por questões hormonais e biológicas, nas ciências humanas o que baliza a juventude seriam questões sociais, geracionais e comportamentais. Tal noção vai além de estudos acadêmicos e chega na imprensa, pois nas reportagens analisadas ambas as noções acerca das juventudes são visíveis.

Estabelecendo uma relação entre a juventude e movimentos sociais, é possível perceber como a faixa etária está presente numa série de ações coletivas que se enquadram na definição de movimentos sociais. No contexto dos anos 1960, com o declínio do movimento operário e a emergência de lutas estudantis, feministas, anti nucleares, ambientalistas e etc, a juventude ganhou visibilidade por ser peça-chave dos ditos novos movimentos sociais. É a partir daí que a juventude ganha projeção nas discussões acerca dos movimentos sociais.

A ASCENSÃO DE UM MODELO OCIDENTAL DE JOVEM

Como o foco deste artigo será voltado a uma parcela da juventude que viveu nas décadas de 1980 e 1990, o conceito de *teenager* se faz pertinente. Assim como qualquer processo histórico de construção de categorias, a esfera do *teenager* passou por uma formação gradual que permeou o século XIX e XX. A juventude é construída ao longo do tempo e pode sofrer mudanças justamente por ser uma categoria adaptável e mutável. Jon Savage, jornalista inglês, analisa fontes do século XIX, quando não existia uma definição da juventude como uma fase distinta da vida, para tentar construir uma linha de raciocínio que resultaria no conceito de *teenager* (SAVAGE, 2007, p. 13).

A Segunda Guerra Mundial é um acontecimento marcante para o conceito de *teenager*, sendo conseqüentemente, de suma importância para a historiografia da juventude. A ideia de juventude categorizada como *teenager* surgiu no pós Segunda Guerra Mundial pois, segundo o historiador inglês Eric Hobsbawn (1996) no contexto pós guerra, um embate

geracional surgiu; e foi a partir desse período que a juventude virou um grupo com consciência própria. Com a ascensão e o crescimento de uma cultura juvenil que surge de uma profunda mudança na relação entre as gerações.

A categoria surgiu no cenário estadunidense porque países do continente europeu havia tentado organizar os adolescentes buscando fins bélicos, resultando em arregimentação e militarismo. Foi na América que o jovem ganhou destaque na sociedade a partir de sua inclusão no âmbito social, que possibilitou um cenário favorável ao desenvolvimento das culturas juvenis pautadas no potencial consumidor da faixa etária (SAVAGE, 2007).

A partir da criação do modelo de juventude, a categoria foi muito além da divisão biológica que determina que o “ser jovem” é o período que sucede a infância e precede a maturidade da idade adulta. A categoria ganhou status de “valor simbólico” (MARGULIS, URRESTI, 1996, p. 1) pautado numa estética jovem, ou “signos exteriores”, segundo Margulis e Urresti, que a torna comercializável, fazendo com que pessoas de outras faixas etárias também se identifiquem com o padrão juvenil.

A temática principal do presente trabalho, a juventude, é uma categoria que, historicamente não pode ser definida como um todo equivalente em todos os quadrantes da história. Não existe uma única definição válida para juventude, pois a mesma é uma construção sociocultural que se adequa e se modifica de sociedade para sociedade (LEVI; SCHMITT, 1996).

Diversas tentativas de conceituar e delimitar a juventude e a adolescência fazem parte de estudos e discussões de variadas áreas das ciências humanas. A juventude e a adolescência, termos muitas vezes tratados como sinônimos, se diferenciam de acordo com definições de faixa etária no Brasil. O jovem, termo que muda de acordo com o passar do tempo e com as características culturais de cada localidade, engloba indivíduos com idades entre 15 e 29 anos; já o adolescente, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, é um indivíduo com idade entre 15 e 18 anos.²

JUVENTUDES, MOVIMENTOS SOCIAIS E QUESTÕES GERACIONAIS

Quando a juventude é utilizada como tema central de pesquisas nas áreas das

² Dados disponíveis em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm> Acesso em 30 de junho de 2018.

humanidades, é essencial, segundo vertentes sociológicas mais atuais (MARGULIS, URRESTI, 1996; PAIS, 1990; ABRAMO, 1997) sempre se referir à categoria no plural, ou seja: juventudes. Por conta da complexidade de demarcação e definição da categoria juventude, a interdisciplinaridade se faz essencial para trabalhar com a categoria. A sociologia, assim como outras áreas do conhecimento, é importante para estudos dentro da temática.

Para os sociólogos Mario Margulis e Marcelo Urresti, em seu texto “A juventude é mais que uma palavra”³, é necessário ir além da juventude como uma demarcação etária uniforme pois a categoria, como condição histórico-cultural, não é vivenciada de forma igual para todos os integrantes inseridos na categoria estatística jovem. Segundo Margulis e Urresti (1996), a partir da discussão feita por Bourdieu, em sua entrevista intitulada “A juventude é apenas uma palavra” determina a categoria como um “mero signo” e uma construção cultural isolada de outras condições, como recortes de classe e gênero.

Mario Margulis e Marcelo Urresti (1996), pensando na relação da juventude com outras gerações, trazem a tona o conceito de moratória para a categoria. A moratória está relacionada com o período da juventude por ser uma época de maturação biológica dos jovens. A mesma se molda a partir dos conceitos de classe, uma vez que camadas mais privilegiadas não são obrigadas a se inserirem no mundo adulto - marcado pela inserção no mercado de trabalho e pela constituição de uma família - o mais cedo possível, como jovens em condições financeiras menos confortáveis. A partir da discussão acerca da moratória, Margulis e Urresti (1996) desenvolvem o conceito de moratória vital, que seria uma espécie de “capital energético” que jovens têm em função de sua pouca idade.

No que diz a conceituação da categoria, a tarefa é árdua por conta da fluidez do segmento etário. Na perspectiva do sociólogo português José Machado Pais (1990), na medida em que se cria um conceito unitário juventude, aspectos essenciais que constituem as particularidades da faixa etária não são levados em conta. Segundo o autor:

[...] a questão central que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo), mas também - e principalmente - as diferenças sociais que entre eles existem. (PAIS, 1990, p. 140)

³ Afirmativa que vem da entrevista do pensador francês intitulada “A juventude é apenas uma palavra”. Disponível em: <<http://www.observatoriooensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2014/04/a-juventude-e- apenas-uma-palavra-bourdieu.pdf>> Acesso em 29 de junho de 2018.

No que tange os movimentos sociais, não existe um consenso de definição acerca da temática, assim como ocorre com a juventude. Os movimentos sociais, de modo geral, podem ser caracterizados como fenômenos históricos concretos e se evidenciam por ações sociais coletivas que buscam objetivos em comum contestando a ordem vigente.

A “categoria controvertida” (DOIMO, 1995, p. 37) dos movimentos sociais é ainda jovem e divide-se entre os “novos” e os “velhos”. Até os anos 1960, a temática era intrinsecamente relacionada às lutas do proletariado contra o exploratório sistema capitalista; na mesma década, mais precisamente na segunda metade, os “novos” movimentos sociais eclodiram. Na perspectiva da cientista política Ana Maria Doimo “a explosão dos movimentos espontâneos que sacudiram a Europa no final dos anos 60, a desmistificação dos regimes socialistas do Leste e a sucessiva erosão dos esquemas teóricos marxistas” (DOIMO, 1995, p. 40) foram os fatores responsáveis pela ascensão dos chamados “novos” movimentos sociais.

Um antagonismo entre os “novos” e os “velhos” movimentos sociais surgiu por conta das diferentes reivindicações dos mesmos. Pautas acerca de questões identitárias e mais subjetivas e discussões de classe e direitos do proletariado são constantemente vistas como contraditórias e incompatíveis, num contexto de consolidação neoliberal marcado pela perda de direitos coletivos. Comparando os estudantes universitários com suas trajetórias transitórias e esporádicas nas universidades com os operários, com percursos muito mais longos e sólidos nas fábricas, um movimento pode transparecer superior ao outro. Nesse ponto, Breno Bringel expôs a importância do uso de “categorias de análise distintas para compreender ambos os casos” (BRINGEL, 2009, p. 101) para que não se criem hierarquias acerca dos movimentos sociais.

Os movimentos sociais por conta de um contexto neoliberal, foram ficando mais técnicos e operacionais, tendendo a abandonar a luta no terreno político-estatal para se concentrar na defesa de valores e direitos em escala mundial; ou seja, sofreram uma inflexão nos objetivos que os organizavam, deixando de colocar a oposição política para focalizar a gestão de políticas governamentais.

O movimento social mais característico que tem sua maioria representada por jovens é o movimento estudantil, que, nos anos 1960 foi “o grande articulador da crise político-cultural do fordismo” (SANTOS, 1995, p. 249). Foi a partir do mesmo que criou-se uma série de

contestações das quais destacam-se: oposição ao produtivismo e consumismo vigente, as opressões cotidianas (autoritarismo na educação, família burguesa, etc) e, por fim, se declara “o fim das hegemonias operárias nas lutas pela emancipação social” (SANTOS, 1995, p. 249), o que traz a tona novas reivindicações e sujeitos de “base transclassista” (SANTOS, 1995, p. 249).

O próprio Maio de 1968, auge das manifestações estudantis dos anos 1960, começou como uma greve estudantil que tomou grandes proporções e acabou por se transformar numa greve geral que reivindicava mudanças no sistema político vigente, mesclando as mais diversas camadas sociais e geracionais. Na perspectiva de François Dosse, que toma as movimentações de Maio de 1968 como exemplo, a mobilização da juventude trouxe a tona tanto o novo quanto o antigo, uma espécie de “sincronização das temporalidades múltiplas; individuais e coletivas, políticas e econômicas” (DOSSE, 2013, p. 281).

Ao longo da história nacional, os movimentos sociais de juventude contribuíram para a democratização da sociedade como também para as melhores condições de vida da população. Participaram ativamente dos movimentos abolicionista, tenentista, da semana de arte moderna de 1922, da consolidação do partido comunista brasileiro, fundaram a União Nacional dos Estudantes, organizaram o Fora-Collor, conhecido popularmente como o movimento dos “caras-pintadas”. Os jovens atuam junto à sociedade em distintos contextos culturais e de modo diferente a depender da conjuntura política que se apresenta.

A temática juvenil começou a ter importância para o poder público por motivos emergenciais: atualmente os jovens são os mais atingidos pelas transformações no mundo do trabalho e pelas distintas formas de violência física e simbólica que caracterizam o século XXI. A emergência em adotar políticas públicas juvenis, em grande parte, reflete também as reformas ocorridas no Estado, desde a década de 1990, em particular em países da América Latina, que adotaram o “pensamento único”, entendido como: um Estado reduzido e uma supervalorização do mercado adaptado à globalização capitalista.

A própria ideia do conflito de gerações ou a premissa de “geração como um engrenagem do tempo” (SIRINELLI, 1996, p. 131) são discussões essenciais para a historiografia. A noção de geração, na perspectiva do historiador alemão Reinhart Koselleck, ultrapassa questões sociais e biológicas, podendo ser também política. Segundo o autor:

As experiências políticas são percebidas e processadas de maneira diferente conforme a idade e a posição social. Mesmo assim, tais experiências evocam um mínimo de aspectos comuns a todas as faixas etárias, de modo que também podemos

falar em unidades geracionais políticas, e não apenas biológicas ou sociais. (KOSELLECK, 2014, p. 35)

Na perspectiva do historiador Jean-François Sirinelli “é preciso defender, no final das contas, a geração concebida como uma escala móvel do tempo” (SIRINELLI, 1996, p. 135) já que a mesma existe no campo de estudos dos historiadores como objeto de história e também como instrumento de análise. Para Koselleck (2014) os acontecimentos são movidos pela capacidade de surpresa dos indivíduos, sendo que “uma pessoa mais velha não se surpreende tão facilmente quanto um jovem” (KOSELLECK, 2014, p. 24); ou seja, a juventude é peça chave dos acontecimentos, acontecimentos esses que dão movimento à história.

OS JOVENS BRASILEIROS NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990: INDIVIDUALISTAS E CONSERVADORES

“A geração dos anos 90 não quer viver os ideais revolucionários do passado e muito menos perturbar a paz do sistema. [...] eles não querem mudar o mundo. Muito pelo contrário. Querem viver bem e com muito prazer no capitalismo”. Foi com estas palavras que a revista *IstoÉ* definiu a juventude em artigo publicado em 21 de abril de 1993 intitulado “Meu destino é ser star” (*IstoÉ*, edição 1229). Segundo a reportagem a juventude revolucionária das décadas de 1960, engajada em movimentos sociais, foi deixada para trás, dando espaço para uma juventude com características bastante distintas da geração de seus pais.

A passagem da ditadura para a democracia trouxe impactos emblemáticos para jovens tanto da década de 1980, que vivenciaram o processo de redemocratização, quanto para jovens que viveram nos anos 1990, os quais sofreram as reverberações do processo. O recorte selecionado para a presente pesquisa é marcado, no território brasileiro, por um processo de ampliação dos direitos civis posterior a uma ditadura militar que perdurou por duas décadas. Com a constituição de 1988, o auge do retorno desse processo, uma série de direitos sociais foram garantidos à população numa época de consolidação de uma democracia plena (AARÃO REIS, 2014).

De todos os artigos jornalísticos analisados, 28 reportagens fazem referências diretas ao individualismo da juventude que é representada nas revistas. Durante a década de 1980 a categoria aparece como uma aglutinadora das massas juvenis ditas “caretas” ou “liberados”:

O individualismo é básico, valor fundamental para todo adolescente não arregimentado em grupos políticos. [...] A discussão mais expressiva, para todos, é a

discussão do eu. Fundamentada num medo fóbico do que chamam coletivo, dos instintos de massa (*IstoÉ*, 16/04/1980, edição 173, p. 42).

O individualismo, segundo Hebe Signorini Gonçalves, “tem sido afirmado como marca da sociedade contemporânea. A ele se submetem todos os protagonistas sociais, em particular os que vivem e circulam nas grandes metrópoles, açodadas [...] pelo consumo” (GONÇALVES, 2005, p. 207). Nesse modelo contemporâneo de sociedade, a juventude torna-se mais vulnerável ao mesmo tempo que “impõe subjetividades e forja modos de pensar, sentir e agir ao segmento etário” (GONÇALVES, 2005, p. 207).

Na década de 1990 o individualismo e o conservadorismo são muito mais relacionados com a ascensão profissional dos jovens de classe média representados nas revistas. “Esse é o Brasil, eles sabem disso. Querem mudar primeiro as próprias vidas. Talvez consigam o que seus pais sonharam e não conseguiram: mudar também o Brasil” (*Veja*, 10/08/1994, edição 1352, p. 69). Com seu sucesso profissional, o jovem teria a possibilidade ou não de mudar o Brasil, mas sempre antes pensando em si, no individual, e deixando o coletivo em segundo plano.

Apesar da reportagem “A grande onda da geração dos shoppings” (*Veja*, 10/08/1994, edição 1352) iniciar dizendo que: “Muito já se falou a respeito do consumismo, da infidelidade às marcas, do temperamento determinado e do individualismo dessa geração” (*Veja*, 10/08/1994, edição 1352, p. 66), as temáticas citadas continuam sendo abordadas. O individualismo e o conservadorismo aparecem ainda numa reportagem de 1994 da *IstoÉ*, intitulada “Consumir é Curtir” (*IstoÉ*, 01/06/1994, edição 1287) em posição de destaque num infográfico sobre os valores da juventude da época, ao lado de com “viver o capitalismo” e “a vida é um clipe” (*IstoÉ*, 01/06/1994, edição 1287, p. 54).

A relação do individualismo desta faixa etária é relacionada também com a independência dos jovens de classe média. Independência essa vigiada pelos pais dos mesmos, já que “os adolescentes [...] aceitam a autoridade e os conselhos dos mais velhos e convivem muito bem com ela” (*Veja*, 10/08/1994, edição 1352, p. 71). A independência tida em casa também é relacionada ao individualismo.

Além do hedonismo, seu comportamento é norteado por uma pesada dose de individualismo [...] bem visível dentro de casa. [...] A família estimula esse sentimento de independência. O jovem tem sua própria televisão, seus próprios CDs, pode preparar sua comida no microondas. São esquemas individuais na casa dos pais. (*IstoÉ*, 01/06/1994, edição 1287, p. 56)

As categorias que permeiam o conservadorismo e o individualismo são conectadas justamente por serem padrões apresentados nas publicações como representações da juventude de classe média dos centros urbanos brasileiros. A constatação de um perfil conservador de jovem, faz com que ao mesmo tempo que “vivem o capitalismo em sua plenitude” (*IstoÉ*, 01/06/1994, edição 1287, p. 54), os jovens também almejem um futuro profissional promissor e conseqüentemente tornam-se mais individualistas e consumistas.

Segundo o historiador Jean-François Sirinelli “é preciso defender, no final das contas, a geração concebida como uma escala móvel do tempo” (SIRINELLI, 1996, p. 135). Assim como os periódicos - que, segundo a historiadora Tania de Luca (2005), enfrentaram uma resistência por parte dos historiadores em produzir uma historiografia *por meio* da imprensa - a noção de geração existe no campo de estudos dos historiadores como objeto de história e também como instrumento de análise.

Nas reportagens, a geração, numa primeira análise, é utilizada como um recurso narrativo empregado diversas vezes para comparar a juventude das décadas de 1980 e 1990 com os jovens de outras épocas - principalmente com os da década de 1960. A juventude dos anos 60, bastante icônica para a faixa etária juvenil, foi marcada pela eclosão do movimento estudantil, pela Guerra do Vietnã, pela ascensão de um movimento de contracultura que pregava a paz e o amor em vez da violência e pelo medo que assolava o mundo em consequência da Guerra Fria.

Um traço em comum entre a maioria das matérias jornalísticas selecionadas como fontes é a comparação das juventudes das décadas de 1980 e 1990 com a de seus pais ou com gerações anteriores, como a geração jovem de 1960, marcada por ter se envolvido em uma série de movimentos sociais. Para Sirinelli, a história, quando ritmada por gerações é uma “história em sanfona” porque ela vai “dilatando-se e encolhendo-se ao sabor e a frequência dos fatos inauguradores” (SIRINELLI, 1996, p. 134). Separar grandes grupos de pessoas nascidas numa mesma época e criar diferenciações entre eles a partir de ‘fatos inauguradores’ é a estratégia utilizada quando se usa o conceito de geração.

Nas reportagens analisadas, um mesmo modelo textual é amplamente seguido. As matérias, que na maioria das vezes, quando tratam de comparações entre gerações, estão na seção “comportamento”, se iniciam com uma introdução acerca da juventude contestadora da década de 1960, como no seguinte exemplo:

Quando nos anos 60, chegou a hora de Áquario, houve uma sensação de que o mundo estava nascendo de novo. Os jovens se despiram, deixaram crescer seus cabelos, e o velho Dionísio reapareceu, dessa vez com a promessa irresistível de que a juventude era de verdade (*IstoÉ*, 15/10/1986, edição 512, p. 59).

Logo depois vem uma comparação com a juventude da década de 1980 ou 1990, majoritariamente representadas como a juventude que saiu da utopia dos anos 1960 e agora vive o mundo real; “Vinte anos depois, toda essa posição sumiu: o desejo virou um ex-combatente; as pessoas estão entregues a si; e alastra-se a suspeita de que as grandes verdades são apenas fontes de delírios e decepções, pois só servem para criar ideologias, religiões e massacres” (*IstoÉ*, 15/10/1986, edição 512, p. 59).

Ao mesmo tempo em que os jovens representados aparecem como decididos a respeito de seus futuros, a geração jovem ativamente política dos anos 1960 é usada como recurso narrativo da reportagem que disserta acerca das passeatas a favor do impeachment do presidente Fernando Collor; “a festa pró-impeachment desmentiu aqueles que a tachavam [a juventude] de alienada” (*IstoÉ*, 02/09/1992, edição 1196).

O engajamento político da geração de 68 é destacado em falas de jovens ao longo da reportagem. A carioca Rita Palmeira, com 17 anos na época e moradora de um bairro de classe média do Rio de Janeiro, afirmou: “admiro a luta política da geração de 68, mas acho que somos menos amargos e temos mais humor e criatividade” (*IstoÉ*, 02/09/1992, edição 1196, p. 34). Para Zuenir Ventura, que tem um texto intitulado “A sucessão”, publicado na edição especial 1311 da revista *Veja*, “quando os caras-pintadas surgiram, a primeira preocupação dos observadores foi procurar semelhanças entre as duas gerações [anos 60 e anos 90], assim como quem espera encontrar no filho os traços do pai” (*Veja*, 27/10/1993, edição 1311 A).

A adoção, por parte da juventude representada nas revistas, da política como algo voltado para “adultos chatos” (*IstoÉ*, 02/09/1992, edição 1196, p. 34), na matéria “O planeta teen” (*Veja*, 19/04/1995, edição 1388), aparece como uma das consequências “de um longo e ininterrupto trabalho de enquadramento do sistema capitalista” (*Veja*, 19/04/1995, edição 1388, p. 111). Os jovens dos anos 1990 ainda são representados como cautelosos e ‘conformados’ na reportagem “Em paz com o amor” (*Veja*, 31/10/1990, edição 1154).

O modelo de jovem contestador, transgressor e rebelde da década de 1960 é colocado em contraposição, de maneira que pode ser considerada pejorativa, em relação ao jovem da década de 1990; a geração dos anos 1990 não lembra em nada o adolescente “de ontem”. “A

geração 90 não está afim de derrubar nada. O adolescente de ontem desafiava a cultura da competição e vestia-se com um desmazelo espantoso. Seu filho quer vencer na vida e desenvolve um estilo quase obsessivo para roupas e acessórios” (*Veja*, 31/10/1990, edição 1154, p. 68).

No que tange a valorização da faixa etária adulta em detrimento dos jovens, favorecidos pela juvenilização da sociedade, a reportagem “A grande onda da geração dos shoppings” (*Veja*, 10/08/1994, edição 1352) termina com um parágrafo bastante emblemático:

A favor dos mais velhos, é bom lembrar que os adolescentes de hoje estão apenas asphaltando uma estrada aberta quando os meninos da década de 60 deixaram o cabelo crescer, quando as meninas decidiram dormir com o namorado antes do casamento e a maioria entrou em conflito com famílias bem mais conservadoras que as de hoje em dia (*Veja*, 10/08/1994, edição 1352, p. 71).

A juventude posterior a da geração jovem transgressora da década de 1960, mesmo não se identificando mais com os padrões da época, aproveitou de conquistas da geração “paz e amor”. O processo de perceber as mudanças e permanências nas representações de uma juventude específica com um alto poder de consumo no contexto de crise das décadas de 1980 e 1990 é extremamente complexo. Essa juventude é privilegiada em detrimento das outras juventudes brasileiras. As reportagens analisadas se utilizam de recursos narrativos para tomar um tipo de realidade como padrão; a partir daí, as publicações homogeneizam grupos sociais não levando em conta que as sociedades são constituídas de diversas realidades.

O jovem de classe média era o que mais consumia e que repetia padrões de consumo e comportamento inspirados no modelo norte-americano do teenager. Ao considerarem o consumo como uma definição do que é ser jovem, as revistas acabavam excluindo da faixa etária outras juventudes brasileiras que não eram privilegiadas monetariamente, criando uma representação de juventude excludente e homogênea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARÃO REIS, Daniel (coord.). **Modernização, Ditadura e Democracia: 1964-2010** - Volume 5. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo: ANPED/PUC-SP, n. 5 e 6, p. 25-36, 1997. Número especial: Juventude e Contemporaneidade.

BRINGEL, Breno. O futuro anterior: continuidades e rupturas nos movimentos estudantis do Brasil. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 97-121, 2009.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

DOIMO, Ana Maria. **A vez e a voz do popular: movimentos sociais e ação política no Brasil pós-70**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

DOSSE, François. **O renascimento do acontecimento: entre a Esfinge e Fênix**. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

GONÇALVES, Hebe Signorini. Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 207-219, nov. 2005.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo: estudos sobre a História**. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-RJ, 2014.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos Jovens 1: da Antiguidade à Era Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 11-153.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: Margulis, Mario (org.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996, p. 19-32.

PAIS, José. Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, XXV (105-106), 1990, p. 139-165.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

SAVAGE, Jon. **A criação da juventude: como o conceito de teenage revolucionou o século XX**. Editora Rocco: Rio de Janeiro, 2007.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, p. 131-137, 1996.

Artigo recebido em julho de 2020. Aprovado em outubro de 2020.